

RECADO DE PARIS

PARIS, junho. — Talvez não seja apenas nos sonhos da gente mesmo que devemos procurar nossa verdade mais íntima. Também nos poemas, sonho dos outros. De vez em quando eu me surpreendo repetindo sozinho alguns versos lídos há muito tempo. Eles de súbito me voltam à cabeça, ficam martelando a memória ao longo dos dias, insistentes, às vezes iluminados por um sentido novo. Passei uns dias murmurando estes versos de Lorca lídos há muitos anos: "Ay, qué trabajo me cuesta — quererte como te quiero! Por tu amor me duele el aire — el corazón — y el sombrero".

Sim, amar dá trabalho. Não apenas o físico e o civil — os deslocamentos, telefones, esperas e providências. Mais do que isso, a fadiga vem da própria emoção. A prova é que, quando se deixa de amar alguém, a gente tem um sentimento delicioso de férias, de liberdade, de descanso. Há gente feliz, que ama com uma natural preguiça e facilidade — como o operário que cumpre suas oito horas de serviço com ligeireza e bom humor, sem se esforçar mais do que o necessário, e chega e sai da fábrica assobiando. Mas também há o tipo daquela história — o homem que passava o dia quebrando pedra e passava a noite sonhando que estava quebrando pedra, e acordava exausto para ir quebrar pedra.

Existe, afinal de contas, uma indolência sentimental. Gente que não pode amar muito tempo sem ficar extenuada. "Ay, qué trabajo me cuesta...".

* * *

Não acho "printemps" uma palavra bonita; primavera é muito mais. Mas certas palavras têm uma tal força dentro de sua língua que os estrangeiros, mesmo conversando entre si, preferem não traduzi-las.

Mesmo um português de Portugal, onde há quatro estações, sente a vontade de chamar a primavera de Paris de "printemps". Para nós brasileiros, então, não se fala. Primavera tem um sabor de poesia escolar, de folhinha e de discurso. "Printemps" é essa realidade forte e sutil que vivemos, que altera as ruas, o campo, a luz, os bichos, as mulheres, e principalmente nós mesmos.

Como se partisse de nós; nossos olhos é que inventaram essa luz, nossas mãos jogaram por aí essas flores — e é evidentemente por nossa causa que as mulheres parecem tão mais novas, mais belas e mais tontas.

16.6.50

R. B.

O trabalho
de amar

RN Nº 26

RN Nº 64

DN 27. 1. 66

DN 12. 8. 69

FLU set. 79